



**Universidade de Brasília – UnB**  
**Instituto de Letras – IL**  
**Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP**

**MAIRA DE ALMEIDA DIAS**

**A MULTIFUNCIONALIDADE DO *ONDE* EM TEXTOS JURÍDICOS**

BRASÍLIA/DF  
2021

**MAIRA DE ALMEIDA DIAS**

**A MULTIFUNCIONALIDADE DO *ONDE* EM TEXTOS JURÍDICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Linguística, Língua Portuguesa e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura Letras/Português

Orientador: Prof. Dra. Cíntia da Silva Pacheco

Brasília/DF  
2021

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos professores do curso de Letras, que, ao ensinarem com paixão, me mostraram como é prazeroso o caminho do aprender.

À Universidade de Brasília sou grata por todas as oportunidades que me proporcionaram uma formação completa, numa instituição de excelência e pública, e pela convivência com a diversidade, que, muitas vezes, nos ensina mais que os livros.

Agradeço à minha orientadora, pela disponibilidade e pelo dom de desanuvial as ideias.

E aos meus pais e meu marido, pelo incentivo e pela paciência com minhas ausências. Ao meu irmão e meus amigos, por estarem perto mesmo quando estão longe.

Presente, passado e futuro?

Tolice.

Não existem.

A vida é uma ponte interminável.

Vai-se construindo e destruindo.

O que vai ficando para trás com o

passado é a morte.

O que está vivo vai adiante.

(Darcy Ribeiro)

## RESUMO

Nas gramáticas tradicionais do Português Brasileiro, o vocábulo *onde* está associado à noção locativa e às funções gramaticais de advérbio e pronome relativo, no entanto o termo sofre variações de ordem semântica e morfossintática. O objetivo do presente trabalho é analisar os valores assumidos pelo *onde* em petições jurídicas para verificar se há tendência de manutenção do termo para se referir a espaço físico, variante padrão, ou um favorecimento da referência a espaço mais abstrato ou outros valores. A hipótese é de que o texto jurídico possui itens lexicais que, por uma transferência metafórica, assumem um valor locativo para os falantes, o que pode favorecer o emprego do *onde* para se referir a espaço mais abstrato. Os 299 dados obtidos de 343 petições jurídicas foram analisados com o auxílio do programa estatístico *GoldVarb X* de forma a tentar fazer correlação da variável dependente (valores assumidos pelo *onde*) com as variáveis independentes de ordem social, sexo e região de origem dos falantes, e linguística, categoria gramatical. A hipótese inicial foi corroborada. A variante mais utilizada neste gênero textual foi a do *onde* com valor de espaço mais abstrato, 71.6%, enquanto a variante padrão, espaço físico, teve uma ocorrência de apenas 17.4%. Concluiu-se, ainda, que o *onde* não está perdendo o seu valor locativo, o que há, na verdade, é uma expansão da noção de lugar, pois os valores relacionados a espaço (89%) tiveram ocorrência muito maior do que os valores associados a tempo e a outros valores mais abstratos (11%). Novos estudos são sugeridos para verificar se essas tendências se estendem a outros gêneros textuais.

Palavras-Chave: Onde. Locativo. Texto Jurídico. Variação Linguística. Sociolinguística.

## ABSTRACT

At the traditional Brazilian Portuguese grammars, the word *where* is associated with the locative notion and grammatical functions of adverb and relative pronoun, however, the term suffers semantic and morphosyntactic order variations. This paper aims to analyze the values admitted by the word *where* in legal petitions to verify whether there is a maintaining tendency of the use of the term to refer to physical space, the standard variant, or to favor the reference to more abstract space or other values. The hypothesis is that the legal text has lexical items that by a metaphorical transference assume a locative value for the speakers, which may favor the use of the word *where* to refer to more abstract space. The 299 data obtained from 343 legal petitions were analyzed with the assistance of the statistical program GoldVarb X, to try to correlate the dependent variable (values assumed by the word *where*) with the independent variables of social order, gender and native region of the speakers, and linguistic, grammatical category. The initial hypothesis was confirmed. It was concluded that the most used variant in this textual genre was the word *where*, with a space value more abstract, of 71.6%, while the standard variant, physical space, had an occurrence of only 17.4%. It is also concluded that word *where* is not losing its locative value, what there is, in fact, it is an expansion of the place notion, since the values related to space (89%) had a much higher occurrence than the values associated with time and other more abstract values (11%). Further studies are suggested to verify whether these trends extend to other textual genres.

Keywords: Where. Locative. Legal texts. Linguistic Variation. Sociolinguistics.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Exemplo do <i>onde</i> como pronome relativo/advérbio relativo nas gramáticas analisadas. ....	13
Quadro 2 . Ampliação semântica do <i>onde</i> na função de pronome relativo nas gramáticas analisadas.....	14
Quadro 3. Categorias Gramaticais. ....	26

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Informantes do Centro-Oeste .....	18
Tabela 2. Informantes do Nordeste .....	19
Tabela 3. Informantes do Sudeste .....	19
Tabela 4. Informantes do Sul .....	19
Tabela 5. Percentuais de ocorrência dos valores semânticos do <i>onde</i> .....	23
Tabela 6. Valores semânticos do <i>onde</i> em função do sexo dos informantes.....	24
Tabela 7. Valores semânticos do <i>onde</i> em função da região de origem dos informantes.....	25
Tabela 8. Valores semânticos do <i>onde</i> em função da categoria gramatical. ....	30

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>1 CLASSIFICAÇÃO DO ONDE PELAS GRAMÁTICAS PRESCRITIVAS E DESCRITIVAS DE PORTUGÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	<b>15</b>
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>18</b>
<b>3.1 Definição da Variável Dependente</b> .....	<b>19</b>
<b>3.2 Espaço Físico</b> .....	<b>20</b>
<b>3.3 Espaço mais abstrato</b> .....	<b>20</b>
<b>3.4 Tempo</b> .....	<b>21</b>
<b>3.5 Outros valores semanticamente mais abstratos</b> .....	<b>21</b>
<b>4 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>22</b>
<b>4.1 Variável Dependente</b> .....	<b>22</b>
<b>4.2 Variáveis independentes</b> .....	<b>24</b>
4.2.1 Sexo dos Informantes.....	24
4.2.2 Região de origem .....	24
4.2.3 Categorias gramaticais .....	26
4.2.3.1 Interrogativo .....	26
4.2.3.2 Advérbio relativo .....	27
4.2.3.3 Relativo .....	28
4.2.3.4 Demonstrativo .....	28
4.2.3.5 Conjunção .....	28
4.2.3.6 Marcador discursivo .....	29
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

O vocábulo *onde* é associado pela gramática tradicional à ideia de lugar, seja na função de advérbio seja na de pronome relativo. No entanto, em textos escritos e orais do português brasileiro encontramos variações no emprego desse termo. Observamos tanto uma expansão semântica, em que o *onde* é empregado para se referir a palavras ou expressões com valores diversos, não necessariamente associados à noção locativa, como uma ampliação das funções morfossintáticas, em que o termo assume novas propriedades, não previstas pelas gramáticas normativas.

Em estudo quantitativo, de base sociolinguística, realizado com falantes de Salvador/BA, Souza (2003) estabeleceu os seguintes valores para categorizar os contextos de emprego do *onde*: espaço físico, espaço mais abstrato, tempo, posse e outros valores semanticamente mais abstratos, concluindo, em sua pesquisa, que há uma tendência de preservação da utilização do termo indicando espaço físico.

Já o estudo sociolinguístico qualitativo de Lima (2007), em textos escritos monitorados, identificou o emprego no *onde* nas seguintes categorias gramaticais: dentro da subdivisão que ele classifica por pronome, encontrou o item funcionando como interrogativo, advérbio relativo ou relativo. Além disso, observou o emprego do *onde* nas funções de conjunção e de marcador discursivo.

No presente trabalho<sup>1</sup>, de base sociolinguística quantitativa, utilizaremos as classificações propostas pelos autores mencionados para verificar, no *corpus* selecionado, quais são os valores semânticos do *onde* e qual é a interação dessas ocorrências com fatores de ordem social (região de origem e sexo) e linguística (categorias gramaticais).

O gênero textual escolhido para análise foi o texto jurídico. O *corpus* será composto de petições recursais de processos do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e do Tribunal Superior do Trabalho (TST).

Há duas peculiaridades nesse gênero textual que despertaram o nosso interesse. A primeira é o fato de representar uma escrita muito monitorada, na qual

---

<sup>1</sup> Uma versão preliminar do presente estudo foi publicada em formato de artigo no Programa de Iniciação Científica da UnB - Pibic, intitulado *A variação semântica do onde em textos jurídicos* (DIAS e PACHECO, 2021). Nesta versão há um novo capítulo referente à classificação do *onde* pelas gramáticas descritivas e prescritivas do português brasileiro contemporâneo e foi incluída a análise de uma variável independente linguística: valores semânticos do *onde* em função das categorias gramaticais.

costuma-se observar uma tendência mais conservadora na utilização da língua, e nos interessa confirmar se o *onde* varia mesmo nesse tipo de contexto.

A segunda peculiaridade é a presença de itens lexicais que, embora não façam parte de um campo semântico associado à ideia de lugar, metaforicamente são relacionados a uma noção espacial pelos falantes, que utilizam o *onde* para retomá-los como se lugar fossem. É o caso de palavras como *processo*, *autos*, *petição*, *acórdão*, *ementa* etc. Essa característica nos faz levantar a hipótese de que haveria uma utilização significativa do *onde* para se referir a espaço mais abstrato.

Assim, nosso objetivo inicial é verificar quais são os valores assumidos pelo *onde* nos textos jurídicos analisados, a fim de verificar se será mantida a tendência observada por Souza (2003) de manutenção do emprego de *onde* para se referir a espaço físico, mais conservadora, ou se haverá favorecimento da referência a espaço mais abstrato ou outros valores, tendências mais inovadoras.

## 1 CLASSIFICAÇÃO DO ONDE PELAS GRAMÁTICAS PRESCRITIVAS E DESCRITIVAS DE PORTUGÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Entre as gramáticas prescritivas pesquisadas, Cunha e Cintra (2017) classificam o *onde* como *pronome relativo invariável* e observam que também pode ser empregado sem antecedente, caso em que são classificados como *relativos indefinidos*. O item também aparece na definição dos *advérbios interrogativos*. Observam, ainda, que alguns gramáticos o classificam como *advérbio relativo*, mas ressaltam que essa designação não consta da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, mas que foi acolhida pela *Portuguesa*.

Neste estudo não analisamos gramáticas do português europeu, e, entre as brasileiras pesquisadas, encontramos essa nomenclatura em Bechara (2009) e em Rocha Lima (2011). Este último explica que o *onde* funciona como *advérbio relativo* quando empregado com antecedente em orações adjetivas, ou seja, a definição do autor é equivalente à de pronome relativo. Além disso, o autor ainda classifica o item como *advérbio interrogativo* e *pronome indefinido referente a lugar*.

Cegalla (2008) categoriza o *onde* como *advérbio de lugar* e *interrogativo* e como *pronome relativo invariável*. Acrescenta que o *onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente e equivale a *em que*. No capítulo referente à classe gramatical dos advérbios, o autor explica ainda que “o *onde* é adequado a verbos que indicam permanência e que se constroem com a preposição *em* como *estar, morar, ficar*” (CEGALLA, 2008, p. 574).

Bechara (2009) classifica o termo inicialmente como *pronome relativo*. Afirma que nessa função o *onde* pode aparecer com emprego absoluto, sem referência a antecedentes, caso em que é chamado de *relativo indefinido*. Além disso, o classifica como *pronome indefinido* e como *advérbio interrogativo e relativo*. Observa que “os advérbios relativos, como pronomes relativos, servem para referir-se a unidades que estão postas na oração anterior. Nas ideias de lugar empregamos onde, em vez de em que, no qual (e flexões)” (p. 294).

Entre as gramáticas prescritivas, a mais restritiva quanto ao alcance semântico do *onde* quando funciona como anafórico é a de Cipro Neto e Infante (2004). Os autores seguem a mesma classificação de Cunha e Cintra, incluem o termo nas classes dos *advérbios interrogativos* e dos *pronomes relativos invariáveis*, mas são categóricos quanto ao seu valor semântico de retomada, afirmando que poderá ser

utilizado unicamente na indicação de lugar. Reforçam essa ideia ao fazerem uma crítica à tendência do português brasileiro de aplicar ao *onde* um caráter multissêmico e multifuncional, e ressaltam que o *onde* tem sido usado como um “relativo universal”, e prescrevem que “Na língua culta, escrita ou falada, onde deve ser limitado aos casos em que há indicação de lugar físico, espacial” (CIPRO NETO E INFANTE, 2004, p.424).

Entre as gramáticas descritivas, verificamos que Neves (2018) também restringe o campo semântico do termo. A autora afirma que *onde* é *advérbio interrogativo* e *pronome relativo* que indica lugar, e se usa com ou sem antecedente, e acrescenta que o antecedente é um sintagma nominal indicativo de localização.

Bagno (2012) observa que o item vem passando por um processo de discursivização, por meio do qual um elemento perde a função gramatical e passa a funcionar como um organizador do discurso. O autor associa a utilização do *onde* com essa função discursiva a um domínio insuficiente da fala e da escrita mais monitoradas.

Observamos que nem todas as gramáticas restringem o emprego do *onde* à noção *locativa*, nos casos em que ele funciona como pronome relativo. Embora não façam essa limitação, é curioso observar que os exemplos explicativos sempre retomam termos locativos físicos, aliás, todos os exemplos utilizados pelas gramáticas, para explicar a função do *onde* como pronome relativo, são bem semelhantes. Elaboramos um quadro comparativo a seguir:

Quadro 1. Exemplo do *onde* como pronome relativo/advérbio relativo nas gramáticas analisadas.

Celso Cunha & Lindley Cintra (2017) – Nova Gramática do Português Contemporâneo;	Entrava-se de barco pelo corredor da <u>velha casa de cômodos</u> <i>onde</i> eu morava (p. 359).
Rocha Lima (2011) – Gramática normativa da língua portuguesa;	Fica ali na <u>encruzilhada</u> / <i>onde</i> ergueram uma cruz de pedra (p.228).
Domingos Paschoal Cegalla (2008) – Novíssima Gramática da Língua Portuguesa;	A <u>casa</u> <i>onde</i> moro foi de meu avô (p.185). O rio <i>onde</i> pescam está poluído O caminho por <i>onde</i> passamos é muito perigoso (p. 568).
Evanildo Bechara (2009) – Moderna gramática portuguesa;	A <u>casa</u> <i>onde</i> moro é espaçosa (p. 172).  A <u>casa</u> <i>onde</i> mora é excelente (p. 294).
Pasquale Cipro Neto & Ulisses Infante (2004) – Gramática da Língua Portuguesa;	Quero uma <u>cidade</u> tranquila, <i>onde</i> possa passar alguns dias em paz. A <u>cidade</u> <i>onde</i> nasci fica do Vale do Paraíba. (p. 423)

	Você vai conhecer uma <u>cidade</u> no sertão da Bahia <u>onde</u> muitas famílias estão matando a fome com flores (p. 424).
Maria Helena de Moura Neves (2018) – A Gramática do Português Revelada em Textos;	De súbito, sente que não quer o destino da avó, não quer envelhecer na <u>casa</u> <u>onde</u> nasceu; (p.650)

Transcrevemos no quadro todos os exemplos utilizados pelos autores para demonstrar como o *onde* é empregado nas relativas, e encontramos nada menos do que quatro deles utilizando o substantivo concreto *casa* como referente. Os que foram mais criativos utilizaram *cidade*, *encruzilhada*, *rio* e *caminho*.

No entanto, verificamos que, embora as gramáticas utilizem esses exemplos muito restritos para prescrever ou descrever o campo semântico do *onde* como pronome relativo, encontramos, em pelos menos três desses autores, exemplos de emprego do *onde* com referentes bem mais amplos do que os locativos utilizados para ilustrar as suas explicações. Para demonstrar essa variação semântica, elaboramos o seguinte quadro:

Quadro 2 . Ampliação semântica do *onde* na função de pronome relativo nas gramáticas analisadas

Cipro Neto e Infante (2004, p. 363)	Por motivos expressivos, podem surgir os chamados objetos pleonásticos: tanto o objeto direto, como o objeto indireto podem ser colocados em destaque, no início da oração, sendo depois repetidos por um pronome pessoal na <u>posição</u> <i>onde</i> deveriam naturalmente estar.
Bechara (2009, p. 611)	<u>Num trecho longo</u> , <i>onde</i> já existam vírgulas, para enunciar pausa mais forte
Rocha Lima (2011, p. 242)	A pesquisa das raízes requer conhecimentos especializados e profundos, em razão das alterações por elas muita vez sofridas na <u>evolução milenar das línguas indo-europeias</u> , <i>onde</i> entroncam, em última análise, as raízes das palavras portuguesas.

Podemos observar, portanto, que os referidos autores utilizam o *onde* para retomar termos como a *posição* do pronome numa oração, um *trecho longo* dentro de uma frase e até a *evolução milenar das línguas indo-europeias*.

A partir desses exemplos, já é possível notar que, na retomada, o *onde* é entendido pelo falante como um item capaz de recuperar ideias mais abstratas, que vão muito além das casas, cidades, rios e encruzilhadas, pelo menos foi o que notamos pelas ocorrências encontradas no *corpus* e sobre as quais explanaremos mais adiante.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho tem como base teórica os fundamentos da Sociolinguística Variacionista. Os estudos sociolinguísticos surgiram na década de 60 e seus pressupostos teóricos foram apresentados no texto *Empirical Foundations for a Theory of Language Change* (1968) de Weinreich, Labov e Herzog.

Esse ramo de estudo surge como um contraponto às teorias do estruturalismo e do gerativismo, mais difundidas até então, que baseavam suas pesquisas em uma ideia mais abstrata da língua, distanciada do contexto de uso em comunidade.

Lima (2007) observa que a Sociolinguística contribui para as pesquisas em razão de se associar a uma análise conectada com o ambiente extralinguístico, tanto o geográfico como o social, e ressalta que esse ramo de estudo tem demonstrado que as formas linguísticas variam a depender da classe social, faixa etária, sexo, contexto de uso etc.

Labov (2018 [1972]) destaca que o termo *Sociolinguística* chega a ser redundante, uma vez que a língua é uma forma de comportamento social, o que significa que, na prática, não se pode separar a Sociolinguística da Linguística em si.

A Sociolinguística, além de basear seus estudos nos contextos de uso, entende que, por ser um fenômeno sociológico, a língua está sempre em movimento, assim, um dos seus princípios fundamentais é o de que todas as línguas variam e mudam com o tempo. Segundo Mollica (2019), a Sociolinguística entende a variação como um princípio geral e universal, e passível de ser descrita e analisada cientificamente.

Outro princípio da Sociolinguística estabelece que essas variações não ocorrem de forma aleatória, mas sistemática e organizada. A variação é condicionada por fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos), e apresenta regularidades que podem ser constatadas ou refutadas estatisticamente.

A variação do *onde*, sob a ótica da Sociolinguística Variacionista, já foi analisada por Souza (2003), que utilizou o *corpus* oral do PEPP – Programa de Estudos sobre o Português Popular de Salvador. Também foi estudada por Lima (2007), que baseou sua pesquisa num *corpus* de textos escritos por estudantes dos semestres finais do curso de Letras da Universidade de Brasília, bem como por professores do Ensino Fundamental e Médio das redes pública e privada do Distrito Federal.

Souza (2007) realizou uma pesquisa diacrônica sobre a gramaticalização do *onde* em textos religiosos. Ela analisou os valores semânticos de tempo e espaço do termo em textos religiosos antigos e contemporâneos. A autora observa que a controvérsia na classificação do *onde* se inicia na própria definição de advérbio, já que o estabelecimento de critérios capazes de identificá-lo não é tarefa simples e os estudos linguísticos ainda não conseguem delimitar de maneira semântica ou morfossintática todas as características dessa classe gramatical.

Além disso, ressalta que, nos compêndios gramaticais latinos, havia quatro formas relacionadas às funções atualmente atribuídas ao *onde*: *ubi*, *quo*, *unde* e *qua*; e explica que “a primeira empregava-se com verbos de permanência (estar, permanecer, ficar); a segunda era usada com verbos de movimento, como ir, dirigir-se; unde indicava proveniência e qua indicava passagem (passar, andar por um lugar)” (SOUZA, 2007, p. 42).

Lima (2007) observa que a flexibilidade na classificação categorial do *onde* não é uma exclusividade do português, justamente porque todas as formas relacionadas acima resultaram num termo único também em outras línguas latinas, como no francês *où*, no espanhol *donde* e no italiano *dove*.

Interessante observar que, embora tradicionalmente o termo *onde* esteja associado à noção de lugar, Souza (2007) relata que os textos religiosos em português arcaico também demonstram o emprego do *onde* como temporal e, ainda, para retomar antecedentes abstratos ou nocionais.

Souza (2003) cita Lakoff e Johnson (1980: 29) para explicar que a percepção, pelo indivíduo, de estar dentro ou fora de algum lugar estrutura metáforas de *recipientes*. De forma resumida, a ideia dos autores, explorada pela pesquisadora, é de que as pessoas se veem como um recipiente separadas do resto do mundo pela pele, bem como enxergam como recipientes os locais que as contêm (casas, salas, florestas etc.), assim, os indivíduos estabelecem limites, de forma a marcar um território, mesmo quando não há um limite físico natural, tudo isso em nome de um dos instintos mais básicos do ser humano, o da territorialidade. A partir dessa noção, a autora afirma, como uma hipótese possível, que o *onde* represente um elemento gramatical que situe espaços, a princípio, físicos, mas que, por processo metafórico, esse conceito se estenda a outros mais abstratos.

Souza (2003) observa que, “para uma análise do processo de abstratização do significado do onde, esse se dá primeiramente do espaço físico para o tempo, sendo

esse considerado a metáfora mais direta do espaço” (SOUZA, 2003, p.214) e acrescenta que o seu valor nocional também se dá por transferência metafórica, por meio da qual a metáfora *recipiente* se estende a outros domínios mais abstratos, relativos a conceitos, situações, sentimentos etc. Ela explica que “o falante conceitualiza essas ocorrências como se estivessem dentro de alguma coisa, num espaço virtual, cognitivamente projetado a partir da experiência em relação ao espaço físico” (SOUZA, 2003, p.215).

A partir dessas constatações, a nossa pretensão é contribuir para as discussões a respeito do emprego do *onde*, tendo como base os resultados já encontrados, sobretudo por Souza (2003), mas utilizando como *corpus* textos jurídicos.

### 3 METODOLOGIA

A ideia desta pesquisa exploratória e quantitativa surgiu a partir das discussões desenvolvidas na ação de extensão *Pesquisa linguística: análise quantitativa de textos orais e escritos*, desenvolvida na Universidade de Brasília, com o objetivo de debater conceitos da Sociolinguística Variacionista, bem como incentivar o desenvolvimento da pesquisa na área. Assim, definimos um *corpus* e iniciamos a realização das coletas, que ocorreram entre outubro de 2019 e março de 2021.

O *corpus* pesquisado é composto por petições de recurso especial e de revista encaminhadas ao Superior Tribunal de Justiça (STJ) e ao Tribunal Superior do Trabalho (TST) e foram escolhidas aleatoriamente. Os processos dos quais foram extraídas são públicos, e podem ser consultados na íntegra mediante comparecimento e solicitação de vista dos autos nos respectivos órgãos.

Analizamos 343 petições e identificamos, por meio das assinaturas, o sexo e a região de origem dos informantes, Centro-Oeste, Nordeste, Sudeste ou Sul. Na Região Norte não conseguimos um número significativo de informantes.

As petições são assinadas por profissionais de advocacia, ou seja, todos os informantes possuem, no mínimo, ensino superior completo. A escrita é técnica e espera-se que seja extremamente formal, em razão de se destinarem a cortes superiores.

Foram descartadas as petições em que não era possível identificar o estado de origem, em razão de o signatário apresentar registro na OAB em mais de um estado, bem como aquelas em que não era possível identificar o sexo, por serem assinadas por mais de um advogado de sexos diferentes.

Conseguimos coletar 299 dados, os quais foram codificados em função dos valores semânticos do *onde*, distribuídos entre os grupos sociais sexo e região de origem; e linguísticos, categoria gramatical e valor normativo.

A distribuição de dados e informantes pode ser verificada conforme as tabelas a seguir:

Tabela 1. Informantes do Centro-Oeste

Centro-Oeste	Informantes		Dados	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Distrito Federal	11	9	14	7
Goiás	7	9	5	12
Mato Grosso do Sul	9	7	8	3
Mato Grosso	10	11	14	8
Total	37	36	41	30

Tabela 2. Informantes do Nordeste

Nordeste	Informantes		Dados	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Alagoas	8	1	7	0
Bahia	8	1	9	0
Ceará	6	1	13	3
Maranhão	8	4	6	2
Paraíba	4	3	4	4
Pernambuco	9	6	3	3
Piauí	4	0	4	0
Rio Grande do Norte	7	3	4	1
Sergipe	3	6	2	8
Total	57	25	52	21

Tabela 3. Informantes do Sudeste

Sudeste	Informantes		Dados	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Espírito Santo	9	7	11	27
Minas Gerais	14	8	4	3
São Paulo	19	7	10	3
Rio de Janeiro	18	8	17	8
Total	60	30	42	41

Tabela 4. Informantes do Sul

Sul	Informantes		Dados	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Paraná	20	13	18	6
Santa Catarina	13	8	8	8
Rio Grande do Sul	23	21	11	21
Total	56	42	37	35

Optamos por utilizar a metodologia Variacionista, que requer a quantificação dos dados. Esse tratamento estatístico nos auxilia na interpretação dos resultados linguísticos, uma vez que se trata de muitos dados. Utilizamos como programa estatístico o GoldVarb-X (2005), que, além de nos apresentar os percentuais isolados de ocorrência, cruza os dados entre os grupos de fatores.

### 3.1 Definição da Variável Dependente

Decidimos utilizar inicialmente a mesma categorização estabelecida por Souza (2003) para determinarmos a variável dependente. É importante criarmos categorias semelhantes para facilitar a comparabilidade dos dados e análises. Assim, para analisar a variação semântica, verificaremos se o item se associa à ideia de *espaço físico*, *espaço mais abstrato*, *tempo* ou *outros valores semanticamente mais abstratos*.

A autora ainda incluiu o valor de posse em sua classificação, mas não encontramos, na nossa pesquisa, o emprego do *onde* com esse sentido.

### 3.2 Espaço Físico

Consideramos como *espaço físico* as ocorrências que estão necessariamente associadas à ideia de lugar, espaço concreto, passível de ser visto e frequentado, como uma rua, uma praça, uma cidade etc. Encontramos no *corpus* exemplos como:

Desta feita, em conformidade com o que determina o Superior Tribunal de Justiça, restando devidamente caracterizada a clara essencialidade do bem, vez que é o imóvel *onde* funciona a sede da recuperanda.

R (homem, Nordeste)

### 3.3 Espaço mais abstrato

Associamos o *espaço mais abstrato* a representações conceituais espaciais. Empregamos aqui o conceito utilizado por Souza (2003) e já explicado de *transferência metafórica*, segundo o qual os referentes podem apresentar a noção espacial, em que funcionam como uma espécie de recipiente, um espaço virtual projetado a partir da experiência do indivíduo em relação ao espaço físico, ou seja, fora de contexto esses referentes não são associados à ideia de lugar, mas podem vir a ser por uma associação do falante daquele item lexical a um recipiente. É o caso seguinte ocorrência:

Sobre essa permissibilidade já decidiu este Colendo STJ, com destaque para o trecho do voto *onde* prevaleceu, por unanimidade, o entendimento de que (...)

D (homem, Centro-Oeste)

Neste caso, podemos observar que o *trecho do voto* é o *lugar* retomado pelo falante, embora, dissociado do contexto, um *voto* ou o *trecho de um voto* não tragam essa noção locativa. No entanto, metaforicamente, a expressão equivale a um espaço, que, para o falante, pode ser retomado pela partícula *onde*. Alguns exemplos de itens lexicais encontrados no *corpus* que possuem essa característica são: tema repetitivo, voto, autos, ação, súmula, operação de compra e venda, legislação e outras.

### 3.4 Tempo

Categorizamos como *tempo* as ocorrências em que o *onde* se refere a uma circunstância temporal. Souza (2007) observa que há uma fronteira tênue entre as noções de espaço e tempo, já que o tempo é metaforicamente codificado a partir do conceito de espaço e conclui que o falante vê o tempo como um espaço em que ele pode estar inserido. É o que observamos no seguinte exemplo:

Com a finalidade de comprovar suas alegações o Recorrente apontou meses *onde* existem horas extras a serem pagas são aquelas referentes ao período de 26.07.2015 a 25.08.2015 e 01.11.2017 a 30.11.2017.

M (homem, Centro-Oeste)

### 3.5 Outros valores semanticamente mais abstratos

Por fim, categorizamos como sendo de *valores semanticamente mais abstratos* as ocorrências em que o *onde* não está associado a nenhuma noção semântica específica no contexto, como nos seguintes exemplos:

(...) há um claro erro provocado pelo manuseio dos processos, *onde* resta claro que algum serventário de maneira a facilitar o manuseio dos processos, soltou os volumes (...)

M (homem, Sudeste)

Apesar de instado expressamente através de embargos de declaração a corrigir tal falha a eg. Corte Regional não destinou sequer uma linha a esta questão, ignorando-a por completo, de *onde* resulta uma prestação jurisdicional incompleta que resulta em nulidade processual, pois como é cediço na Jurisprudência do TST tal matéria não pode ser objeto de reexame (Súmula 126).

M (homem, Nordeste)

Verifica-se que, no primeiro caso, o *onde* não tem um referente, e, no segundo, ele funciona como fórico textual, ou seja, a partícula retoma todo o contexto anterior e não conseguimos atribuir uma noção exata ao referente, que não pode ser determinado com precisão.

## 4 ANÁLISE DE DADOS

### 4.1 Variável Dependente

Algumas considerações são importantes antes de analisarmos os dados. Cipro Neto e Infante (2003) consideram que a utilização do *onde* deve ser limitada aos casos em que há indicação de lugar físico, espacial. Quanto a sua utilização na função discursiva, dissociada das propriedades de advérbio de pronome relativo, Bagno (2012) a relaciona a um domínio insuficiente da fala e da escrita mais monitoradas.

A partir dessas ideias, traçamos um *continuum* entre as variantes que consideramos menos marcadas (mais aceitas socialmente) e mais marcadas (menos aceitas socialmente), sendo *espaço físico* a variante padrão, não marcada, e *outros valores semanticamente mais abstratos* a mais marcada. A gradação ficaria da seguinte forma:

*espaço físico > espaço mais abstrato > tempo > outros valores semanticamente mais abstratos*

Consideramos o *espaço físico* como a variante padrão, mais canônica; a variante *espaço mais abstrato* ainda representa ideia locativa/espacial, por isso acreditamos que ela esteja mais próxima de uma variante não marcada. O valor *tempo*, se afasta um pouco mais da noção locativa, embora possamos lembrar a ideia de Souza (2007) de que o falante pode considerar o tempo como um espaço em que ele está inserido. Assim, consideramos que a variante *tempo* esteja um pouco mais afastada da variante padrão, mas antes ainda daquela que consideramos como a mais marcada, *outros valores semanticamente mais abstratos*, isso porque este último caso não apresentar um valor semântico bem definido.

Assim, a nossa hipótese para a variável dependente é de que a variante mais produtiva seja o *onde* com valor de *espaço mais abstrato*, porque, além de ser uma variante não estigmatizada, o gênero textual estudado (petição jurídica) é marcado por itens lexicais que metaforicamente assumem a noção espacial. Assim, embora o gênero textual seja composto por um tipo de escrita muito monitorada, a hipótese é

de que a variante padrão não seja a predominante, justamente pela peculiaridade mencionada.

Por outro lado, a expectativa é de que o uso menos produtivo seja o do *onde* com *outros valores semanticamente mais abstratos*, pois representam usos inovadores do ponto de vista semântico, já que não estão associados à noção espacial, e o que se costuma observar em textos monitorados é uma tendência mais conservadora.

Tabela 5. Percentuais de ocorrência dos valores semânticos do *onde*

Espaço físico	Espaço mais abstrato	Tempo	Outros valores semanticamente mais abstratos
52/299 17.4%	214/299 71.6%	4/299 1.3%	29/299 9.7%

Foi confirmada a hipótese de que a variante mais produtiva seria a do *onde* com valor de *espaço mais abstrato* 71.6% (214/299). O valor espacial do *onde* parece preservado, já que, somado *espaço físico* 17.4% (52/299) aos valores de *espaço mais abstrato*, temos um percentual de 89% (266/299). Além disso, as ocorrências do termo com valor *tempo* foram muito pequenas 1.3% (4/299) e os *outros valores semanticamente mais abstratos* 9.7% (29/299) não estão diretamente associados a um campo semântico específico. Esse não foi o uso menos produtivo como se esperava, mas a ocorrência foi baixa.

Interessante destacar que, embora tenha havido uma ampliação semântica do *onde* para outros valores além do espaço físico, esses valores possuem uma certa delimitação, já que não se observou, por exemplo, a realização do termo com sentido de posse, ou para retomar seres animados, o que nos leva a concluir que o *onde* não vem sendo utilizado como um substituto de outros relativos a exemplo de *que* ou *cujo*.

Verifica-se, ainda, que o resultado foi diferente daquele encontrado por Souza (2003), a qual verificou uma tendência de manutenção do emprego do *onde* para se referir a *espaço físico*. Pesquisas posteriores são sugeridas para verificar se essa inovação foi favorecida pelo gênero textual estudado (petição jurídica) ou se é um fenômeno que se repete em outros gêneros, inclusive orais.

## 4.2 Variáveis independentes

### 4.2.1 Sexo dos Informantes

Para analisar essa variável, consideramos as conclusões propostas por Scherre e Yacovenco (2011) de que as configurações menos marcadas, mais aceitas socialmente, tendem a ser favorecidas pelas mulheres, estando elas à frente na variação ou na mudança nesses casos. Já em configurações mais marcadas, os homens costumam ser mais inovadores. Em razão disso, nossa hipótese é de que entre as mulheres haja um uso mais produtivo da variante menos marcada (*espaço mais abstrato*) e menos produtivo da variante mais marcada (*outros valores semanticamente mais abstratos*) em relação aos homens.

Tabela 6. Valores semânticos do *onde* em função do sexo dos informantes.

	Espaço físico	Espaço mais abstrato	Tempo	Outros valores semanticamente mais abstratos
Mulher	21/129 16.3%	95/129 73.6%	2/129 1.6%	11/129 8.5%
Homem	31/170 18.2%	119/170 70.0%	2/170 1.2%	18/170 10.6%
Total	52/299 17.4%	214/299 71.6%	4/299 1.3%	29/299 9.7%

O uso mais canônico do *onde*, como *espaço físico*, é maior entre os homens (18.2%), acima da média de 17.4%. Por outro lado, os valores de *espaço mais abstrato* e *tempo* são maiores entre as mulheres, 73.6%, acima da média de 71.6% no primeiro, e 1.6%, acima da média de 1.3% no segundo. Esses dados corroboram a hipótese de que as mulheres são mais inovadoras quando a variante é não marcada.

Como se esperava, as mulheres foram mais conservadoras na utilização do *onde* com *outros valores semanticamente mais abstratos*, já que as ocorrências (8.5%) estão abaixo da média de 9.7%.

Portanto, os resultados vão ao encontro das conclusões de Scherre e Yacovenco (2011).

### 4.2.2 Região de origem

A nossa expectativa para essa variável é de que a região de origem não trará alterações significativas na distribuição dos valores assumidos pelo *onde*. Acredita-se

que essa variação no português brasileiro não seja dialetal, e represente o que Bortoni-Ricardo (2004) chama de traço gradual, ou seja, ocorre indiscriminadamente entre todos os falantes e não como um traço específico de uma comunidade de fala. Assim, a hipótese é de que influências regionais não são determinantes na valoração do *onde* pelos falantes. Logo, esse grupo social foi codificado como variável de controle, já que dispúnhamos de material de quase todas as regiões do Brasil.

Tabela 7. Valores semânticos do *onde* em função da região de origem dos informantes.

	Espaço físico	Espaço mais abstrato	Tempo	Outros valores semanticamente mais abstratos
Centro-Oeste	13/71 18.3%	47/71 66.2%	1/71 1.4%	10/71 14.1%
Nordeste	13/73 17.8%	55/73 75.3%	1/73 1.4%	4/73 5.5%
Sudeste	14/83 16.9%	60/83 72.3%	0/83 0%	9/83 10.8%
Sul	12/72 16.7%	52/72 72.2%	2/72 2.8%	6/72 8.3%
Total	52/299 17.4%	214/299 71.6%	4/299 1.3%	29/299 9.7%

Nesta variável, a utilização da variante canônica, *espaço físico*, se manteve bem próxima da média em todas as regiões. Centro-Oeste (18.3%) e Nordeste (17.8%) se mantiveram um pouco acima da média de 17.4% e Sudeste (16.9%) e Sul (16.7%) um pouco abaixo.

A variante que consideramos menos marcada, *espaço mais abstrato*, ficou abaixo da média de 71.6% no Centro-Oeste, 66.2%. Em todas as outras regiões as ocorrências ficaram acima da média.

A variante *tempo* ficou abaixo da média de 1.3% apenas no Sudeste, em que não foi registrada nenhuma ocorrência.

Em relação à variante mais marcada, *outros valores semanticamente mais abstratos*, as ocorrências ficaram acima da média de 9.7% no Centro-Oeste (14.1%) e no Sudeste (10.8%), e abaixo da média no Nordeste (5.5%) e no Sul (8.3%).

A partir dos resultados, verificamos que a região Nordeste apresenta uma tendência mais conservadora no uso do *onde*, pois além das ocorrências estarem acima da média (17.4%) para a variante padrão, *espaço físico* (17.8%), os resultados demonstram um valor abaixo da média (9.7%) para a variante mais inovadora, *outros valores semanticamente mais abstratos* (5.5%).

No entanto, seria interessante aumentar o *corpus* para o alcance de resultados mais consistentes e para confirmar a hipótese de que o *onde* seja uma variante de traço gradual.

### 4.2.3 *Categorias gramaticais*

Na análise desta variável, consideramos a categoria gramatical assumida pelo *onde* no contexto. Essa categorização foi proposta por Lima (2007) e ele explica que é inviável estabelecer uma classificação discreta e estanque do *onde* dentro de qualquer classe gramatical, e parte do pressuposto teórico de que o termo possui um caráter multicategorial. A partir dessa ideia, propõe um *continuum* categorial, em que o *onde* transita de forma contínua entre as categorias.

O autor propõe que a categoria prototípica do *onde* não seja a adverbial, como prevê a gramática tradicional, mas a pronominal e cita a seguinte definição de Souza (SOUZA, 2003, p. 208):

“o ONDE é um pronome, mais propriamente uma pró-forma, de sentido genérico, que indica “lugar em que”, possuindo, portanto, um caráter lacunar a ser preenchido por elementos discursivos, situacionais, se caracterizando como um item fórico”.

O *continuum* categorial proposto por Lima (2007), e que utilizamos como variável independente linguística, é o seguinte:

Quadro 3. Categorias Gramaticais.

Categoria	Pronome				Conjunção	Marcador discursivo
	Interrogativo	Advérbio relativo	Relativo	Demonstrativo		
Subclasse						

As categorias estão explicadas e exemplificadas a seguir:

#### 4.2.3.1 Interrogativo

Nesses casos, o *onde* não funciona como relativo, mas como um dêitico, com referência exofórica, ou seja, se refere a ideias que podem não estar no texto, mas são apreendidas pelo contexto. Interessante observar que, mesmo nestes casos, a

valoração do *onde* não é categórica, já que ele pode estar associado a locativos abstratos e não apenas concretos, como na construção a seguir:

*Onde está a segurança jurídica?*

C (mulher, Centro-Oeste)

Bagno (2012) afirma que, nesses casos, o *onde* é classificado como *advérbio interrogativo* e interroga sobre o lugar ou a circunstância espacial do evento relatado.

#### 4.2.3.2 Advérbio relativo

Classificamos o *onde* como *advérbio relativo* quando ele assume a função categorial adverbial e não há referente. Nesses casos, Bechara classifica o *onde* como *pronome relativo sem antecedente* ou *relativo indefinido*, e dá como exemplo a frase “Moro *onde* mais me agrada” (BECHARA, 2009, p. 143). Cegalla (2008) afirma que o *onde*, como pronome relativo, tem sempre antecedente, e não faz qualquer referência ao uso do *onde* nas orações adverbiais, sem antecedente. Lima (2007) observa que as orações adverbiais locativas com uso do *onde* podem ser interpretadas como relativas livres, também chamadas de relativas sem antecedente, e classifica o termo “como advérbio relativo nas orações relativas livres, porque nesses casos o *onde* apresenta simultaneamente propriedades adverbiais e relativas, embora não haja essa classificação da NGB” (LIMA, 2007, p. 89). Trazemos o seguinte exemplo encontrado no *corpus*:

Não há como uma testemunha que não presenciou os fatos determinar, com o mínimo de certeza possível, quem, como, *onde* ou por que a conduta fora praticada.

M (mulher, Nordeste)

Importante destacar que, assim como na categoria *interrogativo*, o *onde* como *advérbio relativo* tem uma função dêitica, pois não há antecedente ou referente no texto, mas o termo se associa a um referente extratextual, que, pelo conhecimento de mundo, pode ser aferido ou, pelo menos, presumido pelo falante. No exemplo dado, faz-se referência ao lugar *onde* determinada conduta referida foi praticada. Por mais que não seja possível aferir que lugar seja esse, já que é exatamente essa a dúvida trazida pelo contexto, podemos presumir que seja um lugar físico, já que não é possível que uma conduta seja praticada fora de um lugar ou num lugar abstrato. Por

isso dizemos que, nesses casos, o *onde* funciona como dêitico, pois existe um referente, ainda que não esteja explicitamente no texto.

#### 4.2.3.3 Relativo

Consideramos o *onde* como *relativo* quando equivale a *em que* e *no qual* e variações e retoma um referente, ou seja, o item assume uma função anafórica.

Então, fora ajuizada essa ação *onde* o recorrente pugnou pelo restabelecimento do contrato de alienação fiduciária, com cancelamento da consolidação da propriedade do imóvel em favor da Caixa Consórcios S.A., além da condenação do recorrido ao pagamento pelos danos morais que lhe foram causados.

R (homem, Centro-Oeste)

Também consideramos o *onde* como *relativo* em construções com a partícula *donde* ou *de onde* para retomar *de que* e *do qual* e variações, desde que também tenham um referente determinado.

Tem-se, assim, que a causa em exame foi decidida em última instância no julgamento do referido recurso de apelação, *donde* emanou o decisum vergastado.

M (homem, Nordeste)

#### 4.2.3.4 Demonstrativo

Lima (2007) explica que neste caso o *onde* equivale semanticamente a *isso*, *isto*.

Segue exemplo encontrado no *corpus*:

O presente acórdão foi embargado pelo ora Recorrente *onde*, inclusive, chamou atenção do Tribunal de origem de que o v. Acórdão ora recorrido não se coadunava com a Orientação Jurisprudencial nº 359 da SDI-1 do TST.

P (homem, Sudeste)

#### 4.2.3.5 Conjunção

Em algumas ocorrências, o *onde* funciona como uma *conjunção*; o categorizamos assim quando verificamos ser possível sua substituição por

conjunções. No *corpus*, encontramos a ocorrência do *onde* como conjunção aditiva ou explicativa, como nos seguintes exemplos:

X, qualificada nos autos, por seus Advogados, vem a presença de Vossa Excelência, conforme artigo 105, inciso III, alíneas "a" e "c", da Constituição Federal, e no artigo 1.029 e seguintes do NCP, interpor o presente recurso especial em razão do v. Acórdão, *onde*, (e) para tanto, apresenta as Razões acostadas para apreciação do c. STJ.  
A (homem, Centro-Oeste)

(...) interpôs o RECURSO ESPECIAL, com fundamento no que dispõe os arts 1694, e segs do CC, bem como, no inciso LV, do art. 5º, da CF, alegando mais, ter ocorrido nulidade no julgamento, *onde* (razão pela qual) requer seja declarada a nulidade do acórdão/votos, a fim de que se proceda novo julgamento, com as intimações das partes (...)  
E (homem, Sudeste)

#### 4.2.3.6 Marcador discursivo

Por fim, categorizamos o *onde* como *marcador discursivo* quando o termo não assume uma função morfossintática específica, ou seja, é um mero marcador de pausa.

Suas atribuições eram específicas, sem controle de horário ou subordinação de horário, *onde* sua jornada mínima ou máxima de trabalho não sofria qualquer meio de fiscalização (...)  
M (mulher, Sul)

Bagno (2012) chama esse fenômeno de discursivização e o associa não apenas ao *onde*, mas à classe gramatical dos advérbios, que, segundo ele, possui um caráter multifuncional. O autor cita Martelotta, Nascimento e Costa (1996: 261-262) para explicar que

“se trata de um processo em que os elementos perdem a função lexical e gramatical para ficar a serviço da organização da linha de raciocínio na fala (...) reorganizando o discurso e ao mesmo tempo chamando a atenção do ouvinte para essa retomada” (BAGNO, 2012, p. 844-845)

Nesta variável também consideramos interessante verificar o percentual de ocorrência de cada categoria, que denominamos *categorias normatizadas* (*interrogativo, advérbio relativo e relativo*) e *categorias inovadoras* (*conjunção e marcador discursivo*), justamente porque a expectativa é de que, numa escrita mais monitorada, as categorias gramaticais predominantes sejam aquelas previstas na

norma gramatical, mas é possível que categorias mais inovadoras tenham ocorrências significativas também nesses textos, e é interessante confirmar, até para o desenvolvimento de novas pesquisas. Os resultados percentuais da categoria gramatical são encontrados na Tabela 8.

Tabela 8. Valores semânticos do *onde* em função da categoria gramatical.

		Espaço físico	Espaço mais abstrato	Tempo	Outros valores semanticamente mais abstratos	Total	
Categorias normatizadas	Interrogativo	1/5 20%	4/5 80%	0/5 0%	0/5 0%	5 1.7%	90.9%
	Advérbio relativo	7/18 38.9%	10/18 55.6%	0/18 0%	1/18 5.6%	18 6%	
	Relativo	44/249 17.7%	199/249 79.9%	4/249 1.6%	2/249 0.8%	249 83.2%	
Categorias inovadoras	Demonstrativo	0/2 0%	0/2 0%	0/2 0%	2/2 100%	2 0.7%	9.1%
	Conjunção	0/16 0%	1/16 6.2%	0/16 0%	15/16 93.8%	16 5.3%	
	Marcador discursivo	0/9 0%	0/9 0%	0/9 0%	9/9 100%	9 3.1%	
	Total	52/299 17.4%	214/299 71.6%	4/299 1.3%	29/299 9.7%	299 100%	

Verifica-se que, no total, houve uma predominância das categorias gramaticais normatizadas, *onde* como *interrogativo* (1.7%), *advérbio relativo* (6%) e *relativo* (83.2%), totalizando 90,9%. As demais ocorrências somam apenas 9.1%, *demonstrativo* (0.7%), *conjunção* (5.3%) e *marcador discursivo* (3.1%).

Esses números não surpreendem no sentido de haver uma ocorrência baixa das tendências inovadoras, já que o gênero textual pesquisado favorece as formas padronizadas. No entanto, é interessante observar que fenômenos relacionados originalmente ao discurso oral, como o *onde* como *marcador discursivo*, são identificados também na escrita monitorada.

É igualmente interessante observar que a valoração *espaço físico* se concentra nas categorias gramaticais normatizadas, portanto, as ocorrências em todas elas estão acima da média (17.4%), *interrogativo* com ocorrência de 20%, *advérbio relativo* com 38.9% e *relativo* com 17.7%. Já entre as categorias *demonstrativo*, *conjunção* e *marcador discursivo*, esse valor é inexistente.

O valor *espaço mais abstrato* também teve a maioria das ocorrências entre as categorias gramaticais normatizadas, mas só duas delas ficaram acima da média de

(71.6%), *interrogativo* com 80% e *relativo* com 79.9%. As ocorrências de *advérbio relativo* (55.6%) e *conjunção* (6.2%) ficaram abaixo da média e não houve ocorrências de *demonstrativo* e *marcador discursivo* com esse valor.

O valor *tempo* é categórico e ocorreu apenas quando o *onde* funciona como relativo (1.6%), acima da média de 1.3%.

O *onde* com *outros valores semanticamente mais abstratos* teve as maiores ocorrências entre as categorias gramaticais não normatizadas, *conjunção* (93.8%) e *demonstrativo* e *marcador discursivo* de forma categórica (100%), todos muito acima da média de 9.7%. As ocorrências entre as categorias *advérbio relativo* (5.6%) e *relativo* (0.8%) ficaram bem abaixo da média, e não houve ocorrência do *interrogativo* com esse valor.

Esse resultado era esperado, uma vez que as categorias que classificamos como pronominais (*interrogativo*, *advérbio relativo*, *relativo* e *demonstrativo*) geralmente funcionam como fóricas ou dêiticas, assim é mais provável a associação a valores determinados, espaciais ou temporais, do que a valores semanticamente mais abstratos. A exceção ocorre com o *onde demonstrativo*, pois, como nesse caso, o termo substitui *isso* ou *isto*, é comum que o referente seja um período completo, é o que chamamos de fórico textual (explicado no item 3.5), e suas ocorrências se concentram em *outros valores semanticamente mais abstratos*. Não por acaso 100% das ocorrências do *onde* com função de *demonstrativo* estão classificadas com esse valor.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a variação do *onde* é desafiadora, as variantes são muitas e de ordem semântica e morfossintática. Quanto a sua classificação, nem mesmo as formas mais canônicas de uso são consensuais entre os gramáticos em termos de definição de conceito e nomenclatura. Não obstante os desafios encontrados numa pesquisa introdutória sobre tema tão complexo, foram observadas algumas conclusões importantes que, espera-se, possam contribuir para os estudos sobre o assunto.

Verificou-se que a variante com maior incidência foi a do *onde* com valor de *espaço mais abstrato*, 71.6%, seguida da variante canônica, *espaço físico*, com 17.4% das ocorrências, *outros valores semanticamente mais abstratos*, 9.7%, e por fim, *tempo*, 1.3%.

As mulheres foram mais conservadoras na utilização da variante mais marcada, *outros valores semanticamente mais abstratos* (8.5%), abaixo da média de 9.7%, e mais inovadoras com relação à variante menos marcada, *espaço mais abstrato* (73.6%), acima da média de 71.6%.

A variante *espaço físico* se manteve bem próxima da média em todas as regiões e a variante *espaço mais abstrato* ficou abaixo da média de 71.6% apenas no Centro-Oeste (66.2%).

A região Nordeste apresenta os resultados mais conservadores, pois além das ocorrências estarem acima da média (17.4%) para a variante padrão, *espaço físico* (17.8%), os resultados demonstram um valor abaixo da média (9.7%) para a variante mais inovadora, *outros valores semanticamente mais abstratos* (5.5%).

Na variável linguística *categorias gramaticais*, foi observada uma predominância do *onde* nas categorias normatizadas (*interrogativo, advérbio relativo e relativo*), que somaram 90.9% das ocorrências, ao passo que as categorias inovadoras (*demonstrativo, conjunção e marcador discursivo*) somaram apenas 9.1% das ocorrências.

Constatou-se que o fenômeno da discursivização, relacionado ao uso do *onde* como *marcador discursivo*, originalmente associado ao discurso oral, também está presente na escrita monitorada, embora sua ocorrência não seja muito significativa (3.1%).

Diante desses resultados, foi possível observar que, no gênero de textos jurídicos, há uma tendência inovadora de utilização do *onde* com valor de *espaço mais abstrato*, em detrimento do uso canônico se referindo a *espaço físico*.

Quanto às categorias gramaticais, observou-se uma tendência mais conservadora, já que mais de 90% das ocorrências preservam as funções gramaticais previstas nos manuais de gramática normativa.

É interessante observar que o *onde* não está perdendo o seu valor locativo, o que há, na verdade, é uma expansão da noção de lugar, pois, os valores relacionados a *espaço* (89%) tiveram ocorrência muito maior do que os valores associados a *tempo* e a *outros valores semanticamente mais abstratos* (11%).

Não há, portanto, uma tendência de esvaziamento semântico, a ponto de podermos pressupor que o *onde* venha a funcionar como substituto de outros relativos, como *que* ou *cujo*, por exemplo, porque não encontramos o termo sendo empregado para retomar seres animados ou com valor de posse.

Comprovou-se, portanto, a hipótese inicial de que no texto jurídico há uma considerável ocorrência do uso do *onde* com valor de *espaço mais abstrato* e isso ocorre pela presença de termos, muito recorrentes nesse gênero textual, que, por transferência metafórica, funcionam como um lugar do ponto de vista dos falantes. Também se confirmou a hipótese de que a escrita monitorada associada à amostra tende a preservar a utilização do *onde* em categorias sintáticas normatizadas.

Pesquisas posteriores são sugeridas para que se confirme se essas tendências são restritas ao gênero textual estudado (petição jurídica) ou se é um fenômeno que se repete em outros gêneros monitorados, inclusive orais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.
- CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. 2ª ed. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. 7ª ed. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DIAS, Maira de Almeida; PACHECO, Cíntia da Silva. A variação semântica do onde em textos jurídicos. XXVII Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília - PIBIC, CNPq/UnB, 2021.
- LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- LIMA, Sóstenes Cezar de. **Impacto do vernáculo sobre o uso do onde na escrita monitorada**. 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília.
- MOLLICA, Maria Cecília. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, Maria Cecília.; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- NEVES, M. H. M. **A Gramática do português revelada em textos**. São Paulo: Unesp, 2018.
- ROCHA Lima. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows.2005**. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 30 mar. 2021.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira e YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: gênero do falante em foto. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 3, dez. 2011.
- SOUZA, Emília Helena Portella Monteiro de. **A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador**. 2003. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SOUZA, Adriana dos Santos. **Tempo e espaço: a gramaticalização do item onde em textos religiosos (Séculos XIV, XVI e XXI)**. 2007. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Martin. **Empirical Foundations for a Theory Language Change**. Directions for Historical linguistics: a Symposium. Austin: University of Texas Press, 1968.